

A PERFORMATIVIDADE DO TEXTO-PRONUNCIAMENTO DA PRESIDENTE DILMA¹

THE TEXT PERFORMATIVITY OF PRESIDENT DILMA'S SPEECH

LA PERFORMATIVIDAD DEL TEXTO/DISCURSO DE LA
PRESIDENTA DILMA

*Neuza ZATTAR**

Resumo: Tem este artigo a proposta de analisar os lugares de performatividade constituídos pela posição enunciativa da Presidente Dilma nas relações que estabelece com as mães brasileiras, e o tom que essa performatividade adquire no texto-pronunciamento dirigido a essas mães, em cadeia nacional de TV e rádio, na noite de 13 de maio de 2012, considerando que do lugar institucional que ocupa, a Presidenta pode convocar para si outros lugares de dizer que a autorizam a falar também como mulher e mãe. Para a análise, recorreremos aos estudos sobre performatividade desenvolvidos por Émile Benveniste (1995), Oswald Ducrot (1977, 1987) e Eduardo Guimarães (1996, 2011), observando como esses autores, pelos lugares teóricos que os constituem, definem e empregam a performatividade.

Palavras-chave: Performatividade; Pronunciamento da Presidente Dilma.

Abstract: The purpose of this paper is to examine the places of the performativity constituted by the enunciative position of the President Dilma in the relationships she establishes with the Brazilian mothers and the tone this performativity acquires in the speech addressed to these mothers, on national TV chain and radio, on the night of May 13th, 2012, considering the institutional position she takes, the President may get herself other places to say that also authorize her to speak as woman and mother. For this analysis, we based ourselves on the studies about the performativity developed by Émile Benveniste (1995), Oswald Ducrot (1977, 1987) and Eduardo Guimarães (1996, 2011), observing how these authors, through their theoretical views that constitute them, defining and applying the performativity.

Keywords: Performativity; President Dilma's speech.

Resumen: Este artículo tiene la propuesta de examinar los lugares de performatividad realizados por la posición de la presidente Dilma en las relaciones establecidas con las

¹ Texto disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/05/dilma-anuncia-programa-social-para-familias-com-criancas-de-ate-6-anos.html>. Acesso em: 12 ago. 2012.

* Doutora em Linguística pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Contato: neuza.zattar@gmail.com

madres brasileiras, y el tono que adquiere la performatividad en el texto-voz dirigido a estas madres en cadena de la televisión nacional y la radio, en la noche del 13 de mayo de 2012, mientras que el lugar institucional que ocupa, la Presidente puede llamar otros lugares de decir que autoricen a habla también como mujer y madre. Para el análisis, nos volvemos a los estudios de la performatividad desarrollados por Émile Benveniste (1995), Oswald Ducrot (1977, 1987) y Eduardo Guimarães (1996, 2011), observando como estos autores, por sus lugares teóricos que los constituyen definen y emplean la performatividad.

Palabras clave: La performatividad; Declaración de la presidenta Dilma.

A circulação de pronunciamentos presidenciais em cadeia nacional de rádio e televisão no Brasil funciona como um ritual político naturalizado em datas especiais como cerimônia de posse e datas comemorativas, momentos em que se divulgam também os programas sociais e/ou as realizações nas diversas áreas do governo, os projetos futuros, de modo a produzir os efeitos das políticas sociais e econômicas de interesse do povo. Esses pronunciamentos têm uma determinação social e histórica e colocam em destaque a imagem, o *ethos* e a voz do presidente.

Para esta reflexão tomamos o pronunciamento de lançamento da ação Brasil Carinhoso, o primeiro dirigido às mães brasileiras, na noite de 13 de maio de 2012, no qual a Presidente Dilma Rousseff, ao empregar o vocativo “Queridas mães brasileiras”, dirige-se a todas as mães do Brasil, buscando compartilhar com elas a mesma ‘emoção’ que diz sentir-se *no nosso dia, o Dia das Mães*, de modo a minimizar as diferenças sociais, econômicas e políticas existentes entre elas, e mostrar ao país os lugares sociais das mães na enunciação presidencial.

A partir do texto-pronunciamento, propomos analisar os lugares de performatividade constituídos pela posição enunciativa da presidente Dilma nas relações que estabelece com as mães brasileiras, e o tom² que essa performatividade adquire, considerando que do lugar

² O *ethos* ou o tom, “compreendido como desdobramento da retórica tradicional, revela-se, por meio da enunciação, a personalidade do enunciador” (MAINGUENEAU, 2002, p. 91). Conforme Roland Barths *apud* Maingueneau (2002, p. 98, grifos do autor), “são os traços de caráter que o orador deve *mostrar* ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são os *ares* que assume ao se apresentar”.

institucional que ocupa, a Presidente pode convocar para si outros lugares de dizer que a autorizam a falar também como mulher e mãe.

Para fundamentar a nossa análise, vamos percorrer os estudos da performatividade desenvolvidos na perspectiva da enunciação por Émile Benveniste (1995), Oswald Ducrot (1977, 1987) e Eduardo Guimarães (1996, 2011), a partir do filósofo inglês John Langshaw Austin³, observando como esses autores, pelos lugares teóricos que os constituem, definem e empregam a performatividade.

Começemos por Benveniste.

1 A performatividade em Benveniste

Benveniste (1995), em “A filosofia analítica e a linguagem”, após refletir sobre a distinção entre performativo e constativo apontada por Austin e a posterior diluição dessa diferença, diz que conserva do artigo de Austin “os pontos mais salientes no raciocínio e, na demonstração, os argumentos que tocam aos fatos propriamente linguísticos” (p. 298) e, independentemente do ponto de vista de Austin, acrescenta que a performatividade continua a ser um fato de língua que serve de fundamento à análise que desenvolve. Ao descrever as formas subjetivas da enunciação linguística, Benveniste (1995) já indicava a diferença entre *eu juro* (um ato), e *ele jura* (uma informação), numa época em que ainda não se discutiam os termos performativo e constativo, “mas era essa apesar de tudo a substância da definição” (p. 299, grifo do autor). A partir daí, passa a confrontar a sua visão com a de Austin.

Benveniste (1995) apresenta a primeira definição dos enunciados performativos como “enunciados nos quais um verbo declarativo-jussivo na primeira pessoa do presente se constrói com um *dictum*” (p. 300). No exemplo “ordeno ou decido, decreto etc. que a população seja mobilizada”, o *dictum* é representado por “a população seja mobilizada”. Segundo o autor, *odictum* na enunciação realizada é indispensável para que o texto tenha qualidade de performativo (BENVENISTE, 1995, grifo do autor). Outra modalidade desses

³ John Langshaw Austin (1962), em “Quando Dizer é Fazer”, desenvolve estudos sobre o performativo e constativo e, na sequência, diz que toda enunciação envolve uma ação do locutor que compreende três atividades linguísticas: os atos locucional, ilocucional e perlocucional.

enunciados é apresentada pela construção do verbo com um complemento direto e um termo predicativo: “Eu o proclamo eleito”. Observamos que Benveniste, ao contrário de Austin, adota um modelo para caracterizar o enunciado performativo.

Na sequência de seus estudos, o linguista admite como performativos “os enunciados que o são de maneira inaparente, porque só implicitamente são atribuídos à autoridade habilitada para produzi-lo” (p. 300). No exemplo “O Presidente da República decreta que...”, Benveniste (1995, p. 301) diz que “o enunciado na terceira pessoa pode ser reconvertido na primeira pessoa e retomar a sua força típica”, e nesse domínio se produzem enunciados performativos, os chamados atos de autoridade. Há, ainda, enunciado “que não emana de um poder reconhecido, mas propõe um compromisso pessoal para aquele que o enuncia” (BENVENISTE, 1995), e finaliza dizendo que “ao lado dos atos de autoridade que publicam decisões que têm força de lei, há enunciados de compromissos relativos à pessoa do locutor, como: “eu juro”, “eu prometo””. De qualquer forma, diz o linguista, “um enunciado performativo não tem realidade a não ser quando autenticado como *ato*, porém, nem todo ato é um ato performativo, pela ausência da autoridade que o constitui” (BENVENISTE, 1995, p. 301, grifo do autor). Os atos de autoridade são,

em primeiro lugar e sempre, enunciações proferidas por aqueles a quem pertence o direito de enunciarlos. Essa condição validade, relativa à pessoa que enuncia e à circunstância da enunciação, deve ser preenchida sempre que se trate de performativo. O critério está aí e não na escolha dos verbos (BENVENISTE, 1995, p. 301-302).

Defendendo o ponto de vista do irrepetível da enunciação, Benveniste (1995, p. 302, grifo do autor) diz que o enunciado performativo, sendo um ato, “tem a propriedade de ser *único*, e só pode ser enunciado em circunstâncias particulares, uma vez e só uma, numa data e num lugar definidos”. Desse modo, por tratar-se de um ato individual, que se dá no tempo da enunciação, um enunciado performativo não pode repetir-se.

O linguista, contrário à classificação dos performativos como enunciados concebidos no imperativo por Austin, diz que

Um enunciado é performativo na medida em que *denomina* o ato *performador* pelo fato de *Ego* pronunciar uma fórmula que contém o verbo na primeira pessoa do presente: “*Declaro* encerrada a sessão”. – “*Juro* dizer a verdade”. Assim um enunciado performativo deve nomear a *performância* de palavra e o seu *performador* (BENVENISTE, 1995, p. 303, grifo do autor).

Nessa posição, Benveniste (1995, p. 303, grifo do autor) nega qualquer paralelo com o imperativo, pois para ele, um enunciado performativo se dá “na medida em que é *por si mesmo um ato*” e, ao insistir na diferença entre o enunciado performativo que formula e o imperativo, diz:

Não há enunciado performativo a não ser que contenha a menção de ato, isto é, *ordeno*, enquanto o imperativo poderia ser substituído por qualquer processo que produzisse o mesmo resultado – um gesto, por exemplo –, e não ter mais realidade linguística. Assim, não é o comportamento esperado do interlocutor o que constitui aqui o critério, mas a forma dos respectivos enunciados. A diferença resulta daí: o imperativo produz um comportamento, mas o enunciado performativo é o próprio ato que ele denomina e que denomina o *performador* (BENVENISTE, 1995, p. 304, grifo do autor).

Para o linguista, os enunciados performativos constituem-se de atos de autoridade que emanam de um poder já constituído e/ou que têm força de lei, e não na escolha dos verbos, pois para que o ato seja reconhecido como performativo é preciso atender às seguintes condições: o sujeito que enuncia e a circunstância da enunciação.

Vejamos os exemplos:

- a) **Declaro** encerrada a solenidade. (O Reitor)
- b) O Presidente da República **decreta**./ Eu **decreto**.

2 A performatividade em Ducrot

Em “A noção de pressuposição: o ato de pressupor”, Oswald Ducrot (1977) descreve a pressuposição como um ato de fala particular, a partir da reinterpretação da teoria dos atos de fala desenvolvida pelos filósofos de Oxford, notadamente por Austin. O

linguista começa afirmando que “para definir um tipo de ação, um verbo deve designar para que o apontemos como tema de um performativo” (DUCROT, 1977, p. 85).

Segundo Austin, Ducrot propõe classificar os diferentes tipos de atos linguísticos, buscando um ponto comum entre aqueles que correspondam a performativos, e analisa, inicialmente, os atos de fala locucional e perlocucional, dizendo que esses níveis de atividade linguística não estabelecem nenhuma relação com os performativos, pois, segundo ele, “o tipo de atividade linguística que dá origem aos performativos não deve ser, em relação à fala, nem uma condição de possibilidade (pois só atingiria o locucional), nem um efeito segundo (que seria de ordem perlocucional)” (p. 86), e em relação ao ato ilocucional (aquilo que se faz dizendo), Ducrot diz que se pode prometer sem dizer *Eu prometo*.

A partir dessa reflexão e da afirmação de que o estudo dos performativos “conduz a um estudo mais vasto, que teria por objetivo a atividade ilocucional, o conjunto dos atos que se realizam, imediata e especificamente, pelo exercício da fala” (DUCROT, 1977, p. 86), Ducrot propõe situar, entre os atos ilocucionais desenvolvidos por Austin, a pressuposição.

Começa formulando três noções gerais cuja aplicação, segundo ele, vai além do domínio linguístico: 1. *ação*, “toda atividade de um indivíduo quando caracterizada conforme as modificações que ela traz, ou quer trazer ao mundo (modificações na situação física ou social do indivíduo que age)”; 2. *ação jurídica*, “quando a atividade se caracteriza por uma transformação das relações legais existentes entre os indivíduos concernidos”; 3. *ato jurídico*, “quando se considera a transformação das relações legais como efeito primeiro da atividade e não como a consequência de um efeito logicamente ou cronologicamente anterior” (p. 87, grifo do autor). Vejamos os exemplos⁴:

1. *Ação* – “votar em algum candidato a cargo público”;
2. *Ação jurídica* – “um policial prende uma pessoa”;
3. *Ato jurídico* – “uma sentença judicial proferida por um juiz”.

⁴ Os exemplos foram extraídos do livro “Os limites do sentido”, de Eduardo Guimarães (2005a, p. 57).

Com essa nova proposição, Ducrot (1977, p. 88) define o ato ilocucional “como um caso particular do ato jurídico, como um ato jurídico realizado pela fala”, ou seja, ao redefinir a noção de ato ilocucional proposto por Austin, a performatividade se constitui pelas particularidades do ato jurídico, ou seja,

Uma promessa só pode, segundo nos parece, ser descrita como ato ilocucional na medida em que se crie uma obrigação para seu autor, e que essa obrigação decorra diretamente da fala pronunciada, e não de um efeito prévio. Dá-se o mesmo com qualquer ordem e qualquer pergunta. Dando uma ordem a uma pessoa, eu a coloco numa situação jurídica nova – sendo essa jurisdição considerada como uma deontologia própria do ato linguístico (DUCROT, 1977, p. 89).

Ducrot e Benveniste não postulam o uso do verbo no imperativo na ação performativa, mas se distinguem quanto ao modelo empregado. Em Benveniste, o ato performativo é realizado por aquele que o pronuncia e da autoridade que o constitui, com o verbo na primeira pessoa do presente do indicativo; e em Ducrot, filiado ao trabalho de Austin, o que conta é o ato ilocucional tomado como um ato jurídico realizado pela fala. A partir deste princípio, o ato performativo se caracteriza por uma promessa, uma ordem, uma pergunta, desde que o cumprimento ou a obrigação desses níveis de atividades linguísticas decorram da realização da fala.

3 A performatividade em Guimarães

Diferentemente da posição de Benveniste e de Ducrot, Guimarães (2005b) se coloca na posição de semanticista materialista⁵, junto com aqueles que consideram que “a linguagem fala de algo e o que se diz é incontornavelmente construído pela linguagem” (GUIMARÃES, 2005b, p. 7).

Dessa posição, o autor, nas análises que faz sobre a performatividade de textos, diz que a performatividade se dá na própria

⁵ Para essa posição, “o sentido das expressões linguísticas não pode ser considerado referencial, não pode se significar a partir de um conceito de verdade, as expressões linguísticas significam no enunciado pela relação que têm com o acontecimento em que funcionam” (GUIMARÃES, 2005b, p. 5).

enunciação e significa pela relação do locutor com o alocutário. E por se dar na enunciação, a performatividade é constituída pela relação entre posições enunciativas determinadas sócio-historicamente.

No artigo “Os sentidos da República no Brasil”⁶, Guimarães (1991, p. 70, grifo do autor), no enunciado performativo “O Presidente da República do Brasil [...]. Resolve assegurar à Nação [...], **decretando** a seguinte Constituição (de 1937)”, diz que o lugar da performatividade é o do presidente que decreta, e o lugar da autoridade é construído no texto em que o sujeito se inscreve, por considerar que a performatividade de textos constitucionais se dá na própria enunciação, tendo em vista a relação entre posições enunciativas determinadas sócio-historicamente.

Nessa linha, a performatividade do texto se constrói na relação dos lugares sociais e históricos dos quais os locutores enunciam no acontecimento de linguagem, que se realiza pelo funcionamento da língua. Ou seja, a relação performativa tem a ver com a construção histórica e social do Locutor em relação ao lugar social e histórico do Alocutário, no mesmo acontecimento. Pois, conforme Guimarães (2009, p. 50),

a relação do Locutor com aquilo que ele diz se dá no acontecimento de linguagem pelo agenciamento político da enunciação. Ou seja, não é o Locutor que escolhe uma forma para dizer algo, mas ele é agenciado a dizer pelo modo como as formas linguísticas se constituíram sócio-historicamente e pelo modo como o espaço de enunciação distribui as línguas e os modos de dizer e o que dizer para os seus falantes.

4 Análise

Observadas as diferenças entre os três autores no tratamento da performatividade, adotamos a perspectiva semântico-enunciativa para analisar os lugares de performatividade do texto-pronunciamento da Presidente Dilma, por compreender que o que se diz tem relação com outros já-ditos e com um depois. O texto em questão funda uma

⁶ Nesse artigo, Guimarães (1991) faz referência ao conceito de performatividade formulado por Austin, e à discussão desse conceito em Ducrot, porém desloca o conceito formulado por esses autores para uma posição construída enunciativamente.

memória de sentidos por se tratar do primeiro pronunciamento feito por uma presidente-mulher às mães brasileiras.

Vamos aos recortes desse texto:

R1. Queridas mães brasileiras,

Talvez seja essa a primeira vez que, desta cadeira presidencial, alguém faz um pronunciamento no nosso dia, o Dia das Mães. Não por acaso, é também a primeira vez que nosso país tem **uma presidenta, uma mulher** que é mãe, filha e avó. Uma **mulher**, que como **a maioria de vocês**, já se emocionou nessa data (grifo nosso).

Nesse recorte, que constitui o parágrafo introdutório do texto-pronunciamento, o vocativo instala a cena enunciativa estabelecendo o Alocutário do texto, no caso, as mães brasileiras, e o Locutor, tomado como fonte do seu dizer, se institui, colocando em dúvida a autoria fundante desse pronunciamento pela presença do advérbio “Talvez” e do indefinido “alguém”. Essa regularidade da língua, no entanto, se desfaz pelo enunciado “Não por acaso [...] que nosso país tem uma presidenta”, que dissipa quaisquer dúvidas quanto ao lugar institucional que o Locutor ocupa, o de Presidente do país, e *que ao enunciar* – “*Uma mulher, que como a maioria de vocês*” –, procura estabelecer com as mães relações de igualdade pela condição de mulher que, na posição institucional de Presidente, pode convocar para si.

É interessante observar no R1 o modo de apresentação da Presidente. Mesmo identificando-se como “mãe, filha e avó”, é pela condição de mulher que busca projetar nas telespectadoras a imagem de igualdade entre elas.

No primeiro contato televisivo entre a Presidente e as mães, verifica-se na voz do locutor-presidente um tom de cordialidade e de acessibilidade, construído politicamente para anunciar o objetivo do pronunciamento. Pela relação de identidade que se pretende imprimir, a enunciação do **R1** se apresenta como se constituindo do lugar de cidadã para cidadãs mulheres.

O efeito do tom/*ethos* na enunciação desse recorte remete ao que diz Ducrot *apud* Maingueneau (1987, p. 98):

Não se trata de afirmações elogiosas que o orador pode fazer sobre sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que,

contrariamente, podem chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe conferem o ritmo, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos [...].

Ou seja, é do lugar social construído sócio-historicamente que o locutor-presidente “se vê revestido de determinadas características que, por ação reflexa, tornam essa enunciação aceitável ou não” (DUCROT *apud* MAINGUENEAU, 1987, p. 98).

R2. (SE1) Hoje, **quero dar** um abraço cheio de alegria e esperança em todas as mães brasileiras, em especial, nas que mais sofrem, nas que passam sacrifício para alimentar, criar e educar seus filhos. **(SE2)** Sei que quando **uma presidenta fala** para as mães mais pobres, **todas as outras mães a escutam** com alma e coração. **(SE3)** Por isso, **sei** que **cadauma de vocês está atenta** ao que **eu vou dizer**. Não são apenas palavras de conforto que **tenho** para **as mães mais pobres** do nosso país. **(SE4)** **Quero anunciar**, hoje, o lançamento da ação Brasil Carinhoso, que irá tirar da miséria absoluta todas as famílias brasileiras que tenham crianças de 0 a 6 anos de idade (grifo nosso).

Na posição de quem toma o texto como uma unidade de sentidos integrado de enunciados (GUIMARÃES, 2011), tomamos o recorte 2 como um texto integrado por um conjunto de sequências enunciativas que se reporta a outros textos ou a um conjunto de textos.

Em “Hoje quero dar um abraço [...] em especial, nas que mais sofrem” temos um enunciado assertivo, em que o locutor-presidente parece estar convicto do que diz, e mesmo tratando-se de um gesto que se quer afetivo, a performatividade assume o tom de determinação, que não aceita contestação. Por outro lado, com esse gesto, pretende-se aproximar-se fisicamente das mães mais sofridas, mais sacrificadas, e reduzir a distância que as separa. O “abraço”, que aparece predicado por “cheio de alegria e esperança”, destina-se a todas as mães que se particularizam pela intensidade do sofrimento: “mães que mais sofrem”, que se distinguem de ‘mães que menos sofrem’ e de ‘mães que não sofrem’; e os sentidos de semelhança da condição de mulher entre a Presidente e as mães, construídos no **R1**, se deslocam, dando visibilidade às diferenças sociais e econômicas existentes entre elas.

No entanto, são as mães que mais sofrem, que se sacrificam, o foco central do pronunciamento da Presidente.

A enunciação do recorte *em* análise se apresenta como se constituindo do lugar de cidadã para mães não cidadãs, significando que os direitos não são iguais e o exercício da cidadania não é pleno para todas as mães. Pode-se dizer que essa desigualdade se assemelha à partilha do sensível da qual diz Rancière (2005, p. 16), aquela que “faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce”.

Na **SE2**, o lugar da performatividade é o da Presidente que afirma saber – **Sei** – pelo pressuposto de que quando a maior autoridade do país “fala para as mães mais pobres, todas as outras mães a escutam com alma e coração”. Aqui, a Presidente, do lugar institucional que ocupa, convoca para si um outro lugar social que a autoriza a falar como mãe, e é dessa posição que representa o lugar da autoridade que convoca as filhas, as mães brasileiras, para escutar o que ela tem a dizer.

Nessa relação, a força performativa se configura pelo ato de convocar “todas as outras mães” a escutá-la, e não somente as “mães mais pobres” a quem se dirige, ou seja, mesmo que “todas as outras” não representem o perfil para se engajar ao programa a ser lançado, são elas que a Presidente faz questão também de convocar.

O pressuposto da afirmação na **SE2** – **Sei** – é reafirmado na **SE3** pela presença da conjunção conclusiva **Por isso** mais o verbo **sei** em “Por isso sei que cada uma de vocês está atenta ao que eu vou dizer”. Nesse enunciado, a força performativa não está no texto-pronunciamento, mas no ato de convocar a atenção de “cada uma de vocês”, as mães brasileiras.

Em “Quero anunciar [...] o lançamento da ação Brasil Carinhoso” (**SE4**), temos uma performatividade assertiva constituída pela autoridade da Presidente que lança uma nova ação de erradicação da “miséria absoluta em nosso país”. Esse enunciado só significa porque recorta um passado de sentidos (o memorável) com o qual convive, projetando possibilidades de novas enunciações, como por exemplo, de as mães se engajarem à nova ação social. Nas sequências enunciativas 2, 3 e 4, a voz da presidenta adquire tom de autoridade, de determinação, mesmo quando se coloca na posição de mãe.

Nos recortes 1 e 2, as expressões “A maioria”, “Todas”, “Todas as outras”, “cada uma” e “mais” quantificam, particularizam e constroem sentidos de como as mães são representadas no pronunciamento:

R1:

- a) Saudação inicial – “Queridas mães brasileiras”. (**Todas** as mães indistintamente);
- b) “Uma mulher, que como a maioria de vocês, [...]”. (**A maioria** das mães).

R2: (SE1)

- a) “em todas as mães brasileiras”. (**Todas** as mães indistintamente);
- b) “nas que mais sofrem”. (**Apenas** as mães **mais** sofridas);
- c) “nas que passam sacrifício”. [...]. (**Apenas** as mães (**mais**) sacrificadas).

(SE2)

- a) “as mães mais pobres”. (**Apenas** as mães **mais** pobres);
- b) “todas as outras mães”. (**Todas** as mães menos pobres);
(**Todas** as mães **não** pobres).

(SE3)

- a) “cada uma de vocês está atenta”. (**Todas** as mães indistintamente);
- b) “as mães mais pobres do nosso país”. (**Apenas** as mães **mais** pobres).

Passemos ao recorte 3.

R3. (SE1) O Brasil Carinhoso faz parte do grande programa Brasil Sem Miséria, que **estamos desenvolvendo** com sucesso em todo o território nacional. [...]. **(SE2)** O nome da ação diz tudo: Brasil Carinhoso. É o Brasil cuidadoso, o Brasil que

cuida bem de seu bem mais precioso: as nossas crianças. Que tem carinho e amor por elas (grifo nosso).

Na **SE1** do recorte 3, o locutor-presidente assimila o lugar de dizer coletivo (estamos desenvolvendo) que globaliza a voz de todos, ao compartilhar com o primeiro escalão e a base política aliada o programa social em destaque. Na **SE2**, o indefinido “tudo” reescreve por condensação⁷ “Brasil Carinhoso”, que aparece predicado por “É o Brasil cuidadoso”, “o Brasil que cuida bem...”, e “(o Brasil) que tem carinho e amor”. O tom, nesse recorte, soa mais afetuoso ao nomear a população infantil que será atendida pela nova ação social.

R4. Todos sabem que a principal bandeira do meu governo é acabar com a miséria absoluta no nosso país. **Mas nem todos sabem** que, historicamente, a faixa de idade onde o Brasil tem menos conseguido reduzir a pobreza é, infelizmente, a de crianças de 0 a 6 anos (grifo nosso)

No recorte acima, a Presidente lança mão de dois pressupostos para apresentar o objetivo da ação Brasil Carinhoso: o primeiro é o de que “Todos sabem” da luta de seu governo de combate à miséria; e o segundo, “*Mas nem todos sabem*” da faixa etária que ainda sofre com a miséria. Esses pressupostos funcionam, na enunciação presidencial, como argumentos para a implementação da ação “Brasil Carinhoso”, pois a argumentação, segundo Guimarães (2005a, p. 78), funciona como “uma relação de linguagem, uma relação de significação”. Ou seja,

um argumento não é algo que indica um fato que seja capaz de levar a uma conclusão. Um argumento é um enunciado que, ao ser dito, por sua significação, leva a uma conclusão (uma outra significação). Mais especificamente, argumentar é dar diretividade ao dizer (GUIMARÃES, 2005a, p. 78).

⁷ A reescrituração, conforme Guimarães (2005, p. 28), “é um procedimento de deriva pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito.” Dentre os procedimentos de reescrituração, temos a *condensação* que consiste em condensar, resumir e/ou sintetizar um enunciado.

O enunciado “Todos sabem que a principal bandeira do meu governo é acabar com a miséria absoluta” rememora a primeira proposta⁸ das dez áreas da campanha da presidenta: “Eliminar a pobreza extrema até 2014”, e que faz significar o compromisso políticode campanha e sua efetividade a partir do seu pronunciamento. Temos, ainda, nesse enunciado um lugar de dizer próprio de uma história, o de enunciador-genérico, que repete o que os políticos geralmente dizem: “a principal bandeira do meu governo é”.

A performatividade no recorte 4 assume o tom de constatação, revelada pela autoridade que, ao pressupor que “Todos sabem X” “Mas nem todos sabem Y”, avalia o grau de conhecimento e desconhecimento de “Todos” os brasileiros em relação à bandeira do seu Governo e à faixa etária mais pobre do Brasil. A primeira assertiva pode ser parafraseada por “Todos devem saber”, ou seja, têm a obrigação de saber; enquanto na segunda assertiva, “todos” que não sabem, passam a saber pelo pronunciamento.

Vejam os recortes a seguir:

R5. Por estas razões, **o Brasil Carinhoso**, mesmo sendo uma ação nacional, **vai olhar** com a máxima atenção para as crianças destas duas regiões mais pobres do país: para o Norte e para o Nordeste (grifo nosso).

A expressão anafórica “Por essas razões” refere-se à descrição⁹ que a Presidenta faz sobre a concentração da pobreza e da mortalidade infantil no Norte e no Nordeste, direcionando a ação para “as crianças destas duas regiões”. Em “o Brasil Carinhoso [...] vai olhar”, observa-se a transferência de sentidos da ação do Governo federal para o próprio “Brasil Carinhoso”, no sentido de partilhar as responsabilidades sociais e políticas entre quem define e anuncia e quem operacionaliza e finaliza as ações do programa.

⁸ As prioridades na Área Desenvolvimento Social: Eliminar a pobreza extrema até 2014; Ampliação do Bolsa Família; Assegurar acesso à água potávela todas as famílias em situação de pobreza; Erradicação do trabalho infantil. <<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/11/conheca-principais-propostas-de-campanha-de-dilma-rousseff.html>>. Acesso em: abr. 2013.

⁹ Refere-se aos parágrafos 4º, 5º e 6º do texto em anexo.

No recorte 5, a expressão “ação Brasil Carinhoso” é reescriturada por definição por “mesmo sendo ação nacional”, como um modo de redefinir o que já se sabe.

R6. Quero enfatizar a importância de se ampliar efetivamente o acesso das crianças pobres às creches. [...]. Para ampliar essa cobertura, **vamos construir** novas creches e, *especialmente*, ampliar e estimular convênios com entidades públicas e privadas (grifo nosso).

Nesse recorte o locutor-presidente assimila o lugar de dizer de enunciador coletivo – vamos construir – compartilhando a construção de creches no país com os partidos que lhe dão sustentação política, não só na capital federal como nos estados e municípios.

Como o próprio texto diz, o tom do pronunciamento da Presidenta é enfático no sentido de destacar a importância das ações que pretende imprimir com vistas à erradicação da pobreza no país.

R7. Fico muito feliz de poder anunciar o Brasil Carinhoso no Dia das Mães. É uma forma de reafirmar, de maneira ainda **mais contundente**, que nosso governo tem o maior conjunto de programas de apoio à mulher e à criança da nossa história (grifo nosso).

O recorte acima significa as considerações finais do pronunciamento, e o Locutor, investido no lugar social de locutor-presidente, reafirma para o país em rede nacional um programa social para atender especificamente às mães mais desassistidas socialmente. *Nessa cena*, o tom do pronunciamento da Presidenta é contundente e de reafirmação política quanto aos programas sociais *de apoio à mulher e à criança* que o seu governo realiza.

Palavras finais

Pelas considerações teóricas, observamos que para Guimarães a performatividade não se constitui de “atos de autoridade que emanam de um poder constituído e/ou que têm força de lei, e nem na escolha dos verbos”, como diz Benveniste; ou pelas particularidades do ato jurídico como uma promessa, ordem ou pergunta, conforme postula

Ducrot, por considerar que a posição enunciativa ou a autoridade não está dada *a priori*, mas construída sócio-historicamente no texto em que os sujeitos (Locutor e Alocutário) se inscrevem, por compreender, como Dias (2013), que os sentidos do que se diz são produzidos na relação com *enunciados outros, outros tempos e lugares*.

Nessa linha, pelas análises dos recortes, observamos que os lugares de performatividade constituídos pela posição enunciativa da Presidente Dilma, nas relações que estabelece com as mães brasileiras, correspondem ao lugar institucional de Presidente do Brasil que, mesmo ao convocar para si o lugar de mulher e de mãe, o tom da performatividade é enfático, de autoridade, de determinação, de constatação, excetuando-se a introdução, quando o tom se torna mais afetivo, mais solidário, ou seja, o *ethos* adquire várias nuances que o locutor-presidente assume ao se apresentar ao público-alvo do seu pronunciamento.

Desse modo, a performatividade do texto-pronunciamento, ou a relação entre posições enunciativas, é construída no acontecimento de linguagem pelos lugares históricos e sociais do locutor e do alocutário, como podemos ver nas relações entre a Presidente e as mães brasileiras:

- a) **Presidente-mulher** / mulheres brasileiras → “**Uma mulher**, que como a maioria de vocês”;
- b) **Presidenta** / mães brasileiras mais pobres → “quando **uma presidenta** fala para as mães mais pobres”;
- c) **Presidenta-mãe** / mães brasileiras → “todas as outras mães **a** escutam com alma e coração”.

Referências

BENVENISTE, Émile. A filosofia analítica e a linguagem. In: _____. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Neri; Revisão de Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes; Unicamp, 1995. (Linguagem crítica).

DIAS, Luiz Francisco. Enunciação e forma linguística. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 223-238, jan-jun., 2013.

DUCROT, Oswald. A noção de pressuposição: o ato de pressupor. In: _____. **Princípios de semântica linguística** (dizer e não dizer). Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attiê Figueira. São Paulo, SP: Cultrix, 1977, p. 79-112.

_____. Linguagem, Metalinguagem e Performativos. In: _____. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 109-138.

GUIMARÃES, Eduardo. Os sentidos da República no Brasil. **Proposições**, n. 5, ago. 1991.

_____. Os sentidos do cidadão do Império e da República do Brasil. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni. (Org.). **Língua e cidadania: o português no Brasil**. Campinas, SP: 1996.

_____. **Os limites do sentido** - Um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 3. ed. Campinas, São Paulo, SP: Pontes, 2005a.

_____. **Semântica do acontecimento**. 2. ed. Campinas, São Paulo, SP: Pontes, 2005b.

_____. A enumeração - funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v.51, n. 1, p. 49-68 jan./jun. 2009.

_____. **Análise de texto**. Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas: Editora RG, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva; Décio Rocha. 2. ed. São Paulo. SP: Cortez, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo, SP: Eixo Experimental; Editora 34, 2005.

DILMA anuncia programa social para famílias com crianças de até 6 anos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/05/dilma-anuncia-programa-social-para-familias-com-criancas-de-ate-6-anos.html>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

CONHEÇA principais propostas de campanha de Dilma Rousseff. Disponível em: <<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/11/conheca-principais-propostas-de-campanha-de-dilma-rousseff.html>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

Anexo

"Queridas mães brasileiras,

Talvez seja essa a primeira vez que, desta cadeira presidencial, alguém faz um pronunciamento no nosso dia, o Dia das Mães. Não por acaso, é também a primeira vez que nosso país tem uma presidenta, uma mulher que é mãe, filha e avó. Uma mulher, que como a maioria de vocês, já se emocionou nessa data.

Hoje, quero dar um abraço cheio de alegria e esperança em todas as mães brasileiras, em especial, nas que mais sofrem, nas que passam sacrifício para alimentar, criar e educar seus filhos. Sei que quando uma presidenta fala para as mães mais pobres, todas as outras mães a escutam com alma e coração. Por isso, sei que cada uma de vocês está atenta ao que eu vou dizer. Não são apenas palavras de conforto que tenho para as mães mais pobres do nosso país. Quero anunciar, hoje, o lançamento da ação Brasil Carinhoso, que irá tirar da miséria absoluta todas as famílias brasileiras que tenham crianças de 0 a 6 anos de idade.

O Brasil Carinhoso faz parte do grande programa Brasil Sem Miséria, que estamos desenvolvendo com sucesso em todo o território nacional. E será a mais importante ação de combate à pobreza absoluta na primeira infância já lançada no nosso país. O nome da ação diz tudo: Brasil Carinhoso. É o Brasil cuidadoso, o Brasil que cuida bem do seu bem mais precioso: as nossas crianças. Que tem carinho e amor por elas.

Todos sabem que a principal bandeira do meu governo é acabar com a miséria absoluta no nosso país. Mas nem todos sabem que, historicamente, a faixa de idade onde o Brasil tem menos conseguido reduzir a pobreza é, infelizmente, a de crianças de 0 a 6 anos.

Para um país, é uma realidade duplamente amarga ter, ao mesmo tempo, gente ainda vivendo na miséria absoluta e esta pobreza se concentrar, com mais força, entre as crianças e os jovens.

A concentração da pobreza é igualmente cruel regionalmente, pois é no Nordeste e no Norte onde ela está mais presente. Setenta e oito por cento das crianças brasileiras em situação de pobreza absoluta vivem nestas duas regiões. E 60% delas estão no Nordeste. Ou seja, regiões mais pobres, crianças mais desprotegidas, mães e pais entregues, historicamente, à sua própria sorte.

A vida das crianças pobres tem melhorado muito nos últimos anos no Brasil. O índice de mortalidade infantil caiu 47,5% no país, e 58,6%, no Nordeste. Porém, muito ainda precisa ser feito e a situação se agrava em períodos de seca, como ocorre neste momento no Nordeste. Por estas razões, o Brasil Carinhoso, mesmo sendo uma ação nacional, vai olhar com a máxima atenção para as crianças destas duas regiões mais pobres do país: para o Norte e para o Nordeste.

Como outros programas do Brasil Sem Miséria, ele será uma parceria dos governos federal, estaduais e municipais e terá três eixos principais. O primeiro, e muito importante, vai garantir uma renda mínima de R\$ 70,00 a cada membro das famílias extremamente pobres que tenham pelo menos uma criança de 0 a 6 anos. É uma ampliação e um reforço muito importante ao Bolsa Família. Isso, aliás, tem sido uma prática bem-sucedida do Brasil Sem Miséria.

O segundo eixo do Brasil Carinhoso será aumentar o acesso das crianças muito pobres à creche. E o terceiro, ampliar a cobertura dos programas de saúde para elas. Neste caso, além do reforço dos atuais programas de saúde, vamos lançar um amplo programa de controle da anemia e deficiência de vitamina A, e introduzir remédio gratuito contra asma nas unidades do Aqui Tem Farmácia Popular.

Quero enfatizar a importância de se ampliar efetivamente o acesso das crianças pobres às creches. E creche significa mais que um teto ocasional para essas crianças. A creche significa saúde,

educação, comida, conforto, lazer e higiene. Significa atacar pela raiz a desigualdade. Para ampliar essa cobertura, vamos construir novas creches e, especialmente, ampliar e estimular convênios com entidades públicas e privadas.

Com o Brasil Carinhoso, estamos reforçando fortemente as ações do Brasil Sem Miséria que beneficiam as mulheres e as crianças. As crianças, aliás, têm sido a prioridade desde o início do programa, como mostram, por exemplo, os subprogramas Bolsa Gestante e o Bolsa Nutriz.

Fico muito feliz de poder anunciar o Brasil Carinhoso no Dia das Mães. É uma forma de reafirmar, de maneira ainda mais contundente, que nosso governo tem o maior conjunto de programas de apoio à mulher e à criança da nossa história. Ou seja, é o Brasil cuidando cada vez mais de quem dá a vida e de quem faz o futuro.

É um Brasil moderno e amoroso, cuidando de suas mães e dos nossos queridos brasileirinhos e brasileirinhas.

Um feliz Dia das Mães e uma vida mais feliz para todas as mães brasileiras é o que desejo de todo coração. Obrigada e boa noite".

Recebido em: 06/07/15

Aceito em: 15/09/15